



Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI
Curso de Biblioteconomia

Gislaine Pereira de Pereira

**A percepção e prática do bibliotecário escolar
na rede pública de ensino em relação às
atividades biblioterapêuticas**

Rio Grande, RS

2014

Gislaine Pereira de Pereira

**A percepção e prática do bibliotecário escolar
na rede pública de ensino em relação às
atividades biblioterapêuticas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, orientada pela Prof.^a
Magali Aquino

Rio Grande, RS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Gislaine Pereira de Pereira

A percepção e prática do bibliotecário escolar na rede pública de ensino em relação às atividades biblioterapêuticas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento de exigência para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sob a orientação da Professora Magali Aquino, aprovado 10 de Fevereiro de 2014.

Banca examinadora

Prof.^a Orientadora Magali Aquino – ICHI/FURG

Prof.^a Msc. Maria de Fátima Maia – ICHI/FURG

Prof.^a Simone Sola Bobadilho – ICHI/FURG

Ao meu pai, Paulo Alberto Pereira
Minha mãe, Cleusa Maria Pereira
Minha irmã, Gisele Pereira minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Dou graças ao meu Deus “porque tudo posso naquele que me fortalece”.

Agradeço aos meus familiares e amigos pelo carinho e compreensão nessa jornada.

Principalmente meus pais pelo apoio emocional e espiritual para chegar até aqui.

Aos meus irmãos em Cristo pelo apoio e orações.

Muito obrigado a duas amigas que auxiliaram na revisão deste trabalho Claudia e Édina Cunha.

A minha orientadora professora Magali pela sua tranquilidade em orientar.

Gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente me ajudaram a chegar até aqui, muito obrigado.

RESUMO

O objetivo desta monografia é comunicar a percepção e o embasamento teórico dos bibliotecários escolares da cidade do Rio Grande, em relação às práticas biblioterápicas, compreendida como uma leitura terapêutica aplicada para os usuários da biblioteca escolar. Considera importante a discussão sobre biblioterapia entre bibliotecários, acadêmicos e professores do curso de biblioteconomia. O intuito da pesquisa é explorar sobre a prática visando um novo olhar do profissional da informação para atividades de cunho social e humanitário. A biblioteca escolar é um ambiente propício para desenvolver atividades biblioterapêuticas e o bibliotecário serve como mediador, além de ser responsável pela seleção de materiais de leitura. Concluiu que a biblioterapia deve ser estudada, pois se trata de mais um campo de atuação que o profissional bibliotecário pode agir e contribuir na formação intelectual e emocional de crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Biblioterapia. Leitura terapêutica. Biblioteca escolar. Bibliotecário escolar.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to communicate the perception and theoretical foundation of school librarians in Rio Grande, in relation to bibliotherapy practices, understood as a therapeutic reading applied to users of the school library. Considers the discussion of bibliotherapy among librarians, scholars and professors of library science. The aim of the research is to explore the practice of seeking a new look for the information professional social activities and humanitarian concern. The school library is to develop supportive librarian bibliotherapy activities and serves as a mediator environment, besides being responsible for the selection of reading materials. Concluded that bibliotherapy should be studied, because it is more of a playing field that professional librarian can act and contribute to the intellectual and emotional development of children and adolescents.

Keywords: librarianship. Bibliotherapy. Reading therapy. School library. School librarian.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 HISTÓRIA DA BIBLIOTERAPIA	12
2.2 CONCEITOS, TIPOS E OBJETIVOS BIBLIOTERAPÊUTICOS.....	14
2.3 COMPONENTES BIBLIOTERAPÊUTICOS.....	19
2.4 BIBLIOTERAPIA: ARTE OU CIÊNCIA.....	21
2.5 BIBLIOTERAPIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	22
3 BIBLIOTECA ESCOLAR	26
4 O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO	28
4.1 O BIBLIOTECÁRIO.....	28
4.2 BIBLIOTECÁRIOS ESCOLARES.....	29
4.2.1 COMPETÊNCIAS DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR.....	30
4.2.2 ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR COM A BIBLIOTERAPIA.....	31
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
5.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A.....	46

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo exploratório descritivo que tem o intuito de explorar o tema biblioterapia. Este visa aproximar os sujeitos da pesquisa que são os bibliotecários sobre a importância desta prática e relacionar com as atividades de leitura já desenvolvidas numa biblioteca escolar na intenção de apresentar a percepção dos profissionais que hoje atuam em bibliotecas escolares sobre o conceito de biblioterapia e seus benefícios.

Tendo em vista a necessidade de discutir sobre prática biblioterapêutica nas bibliotecas escolares, por ser uma “ciência dentro da ciência” precisa ser estudada para se desenvolver. Os profissionais bibliotecários que estão atuando tem conhecimento sobre biblioterapia? Sendo sim a resposta, quais atividades relacionadas a essa prática que desenvolvem na instituição em que atuam profissionalmente?

Pressupõe-se que o tema biblioterapia não é trabalhado ou talvez, pouco discutido nos cursos de biblioteconomia, percebeu-se na revisão de literatura que a grande parte dos trabalhos publicados é motivada pela ausência desse assunto no período acadêmico que leva futuros profissionais bibliotecários investigar sobre a prática biblioterapêutica. Sendo assim, justifica-se a presente pesquisa pelo fato de profissionais atuantes hoje nas bibliotecas escolares desconhecerem tal temática. Porém isso não significa que não apliquem a biblioterapia nas suas bibliotecas, simplesmente agem no intuito de ajudar seus usuários através da leitura.

Acredita-se que a biblioterapia pode proporcionar benefícios há diversos públicos e ambientes, mas principalmente nos usuários da biblioteca escolar. Um público peculiar com diferentes realidades, tais como crianças e adolescentes oriundas de situações econômicas e familiares pouco favoráveis. No entanto o bibliotecário escolar serve como mediador das dificuldades desses usuários não somente no âmbito educacional, mas, também no que diz respeito à vida.

O objetivo geral proposto pelo trabalho foi identificar o conhecimento teórico dos bibliotecários de bibliotecas escolares de Rio Grande em relação à biblioterapia e quais são as atividades desenvolvidas nestas bibliotecas que se enquadram nos parâmetros biblioterápicos. A partir daí procurou-se atingir outros objetivos mais específicos como:

- Conhecer a definição de biblioterapia pelo bibliotecário escolar;
- Observar as atividades de leitura desenvolvidas nas bibliotecas escolares da cidade;
- Verificar a existência ou não de atividades biblioterapêuticas desenvolvidas pelos bibliotecários;
- Conhecer o perfil dos usuários da biblioteca que participam das atividades biblioterápicas;
- Divulgar a biblioterapia e seus benefícios;

A necessidade de escrever sobre biblioterapia primeiramente parte do interesse da autora pelo assunto e ausência dessa abordagem no período acadêmico. Julga ser importante que o profissional da informação aproprie de fato deste campo de atuação relativamente novo. É uma oportunidade do bibliotecário experimentar um trabalho de cunho social e humano, se desenvolver melhor como pessoa em uma relação mais estreita não somente com os alunos, mas também com toda a comunidade escolar. Assim como, trabalhar conjuntamente com os demais profissionais da instituição favorece no crescimento profissional e na interação do bibliotecário, professores e psicólogo da escola.

Considera importante o trabalho biblioterapêutico em qualquer ambiente, embora o foco deste trabalho propusesse identificar a atuação dos bibliotecários em bibliotecas escolares. Acredita-se que a leitura terapêutica neste ambiente serve como aliado para formação de novos leitores, aquisição de novas informações. Além de contribuir efetivamente no desenvolvimento intelectual, psicológico e emocional destes usuários.

Além disso, a pesquisa oportuniza conhecer um pouco do trabalho realizado nas bibliotecas escolares (municipais e estaduais) em que há bibliotecários atuando e identificar quais trabalhos de leitura se aproximam das práticas biblioterápicas. Sendo assim, as chances de encontrar profissionais da informação realizando esta técnica mesmo sem o embasamento teórico.

Encontram-se trabalhos publicados sobre biblioterapia realizado em ambientes diversos como: hospitais, casas de repouso, penitenciárias, universidades, orfanatos, creches e escolas. Todos os resultados são positivos,

como por exemplo, o estudo de caso da Patrícia Mousquer na época acadêmica do último semestre do curso de biblioteconomia em Porto Alegre/RS, numa escola de educação infantil com crianças em idade de três anos. O objetivo deste estudo era trabalhar a superação dos medos muito comuns na infância. Através da observação e participação das atividades biblioterapêuticas as propostas constataram:

[...] a biblioterapia contribui na superação destes temores uma vez que nas histórias contadas a catarse que é o alívio da tensão vivenciada diariamente ocorreu, fato demonstrado através de brincadeiras e sorrisos com a pesquisadora gerando um momento descontraído e cheio de diálogo entre o grupo observado. (MOUSQUER, 2011, p. 8).

É relevante o estudo realizado, porque o desconhecimento dos profissionais da informação acarreta numa perda significativa tanto para o bibliotecário que perde em experimentar uma atuação de trabalho diferente do que já está acostumado, ou seja, um trabalho mais social em que exija mais a afetividade o lado humano da profissão. E o usuário da biblioteca, também perde a chance de exercitar e desenvolver melhor suas emoções, socializar com outras pessoas expondo suas dificuldades e seus problemas, aprendendo a enxergar no outro suas limitações e medos comuns que podem assombrar qualquer indivíduo.

A organização da monografia se constitui de uma introdução onde se apresenta o tema trabalhado com seu objetivo geral e objetivos específicos, seguida da justificativa da pesquisadora para a realização da pesquisa. Na sequência o referencial teórico que parte desde a história da biblioterapia, seus conceitos, objetivos e tipos até a atuação do bibliotecário escolar com esta técnica. Em seguida o trabalho parte para os procedimentos metodológicos, resultados e discussões e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HISTÓRIAS DA BIBLIOTERAPIA

Desde a antiguidade o homem utiliza o livro (oralidade e a escrita) para amenizar suas dificuldades e problemas como fosse uma espécie de “medicamento” para combater uma “dor”. É óbvio que naquela época não se falava em biblioterapia, que significa terapia através de livros. Essa função terapêutica já percorria nas civilizações egípcias, gregos e romanos porque para eles a biblioteca era um local sacro em que a leitura proporcionava uma diminuição das enfermidades. Um exemplo disso ocorria na Grécia antiga e Índia, onde a leitura solitária era integrada ao tratamento médico, assim afirma Caldin (2010). Além disso, a origem da palavra biblioterapia vem do grego *biblion* (livro), *therapeia* (tratamento).

Em Alexandria no Egito havia Judeus denominados “Terapeutas” porque através das orações, pela conversa ou escutar o outro acreditavam no cuidado da saúde do próximo. Percebe-se que a fala e audição são os instrumentos indispensáveis para essa terapia. Assim o autor Ouaknin (1996, p. 3) diz a respeito aos terapeutas “[...] homens e mulheres são terapeutas, se merecem esse título, é porque se ocupam não somente do corpo-objeto, mas também daquilo que anima o corpo, [...] que também é chamado de alma”.

A leitura terapêutica é praticada há muito tempo não somente com a preocupação da saúde mental e física, mas há o cuidado com indivíduo em si para permitir que ele liberte-se de si próprio, por isso a biblioterapia:

[...] consiste em evidenciar os nós que obstaculizam o fluxo de energia e desatá-los, o que será feito essencialmente pela destruição e dinamização da maneira de nomear os seres e as coisas, pela movimentação da linguagem. (OUAKNIN, 1996, p. 61).

De acordo com Caldin (2010, p. 13) “[...] desde o século XIX, nos Estados Unidos utilizava-se a leitura individual em hospitais como coadjuvante no processo de recuperação do doente”. Ou seja, a leitura terapêutica era muito frequente na área da medicina (principalmente em doentes mentais) o autor Ouaknin (1996, p. 61) corrobora “[...] o ser doente é um ser bloqueado, obstruído, acorrentado, “tapado”. A cura consiste em desenlaçar os nós que bloqueiam a circulação do fluxo vital”.

Orsini (1982 apud CALDIN, 2010), afirma que Samuel Mc Chord Crothers em 1916 foi um dos primeiros a mencionar sobre biblioterapia. De acordo com Pinto (2005) foi num artigo publicado no *Atlantic Monthly*.

Em 1904 baseado em experiências práticas a biblioterapia passa integrar como disciplina no curso de biblioteconomia, sendo assim mais utilizada em bibliotecas públicas e hospitais, afirma Pinto (2005, p. 40). Além disso, a leitura terapêutica foi discutida a partir de princípios científicos “em 1949 por Caroline Shrodes,” em sua tese de doutorado intitulada “Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study”, defendida na Universidade de Berkeley, Califórnia, nos Estados Unidos.

Durante a 1ª Grande guerra a biblioterapia é aplicada por bibliotecários leigos que, ao serviço da Cruz Vermelha, ajudam à construção de bibliotecas nos hospitais do exército para com os livros, auxiliar na recuperação do grande número de vítimas de uma guerra extremamente desgastante e mortífera. (MALTEZ, 2011, p. 19).

No século XX o termo biblioterapia é conhecido e se desenvolve no Brasil nas décadas 1980 e 1990 a publicação de trabalhos relacionados à biblioterapia aumentou significativamente. No entanto na década de 1990 chama atenção um trabalho pioneiro da bibliotecária Marília Mesquita Guedes Pereira, com deficientes visuais numa biblioteca pública, com objetivo de integrar esses indivíduos à sociedade e no ambiente educacional.

De acordo com a autora Bezerra (2011) a biblioterapia expandiu-se, a partir de projetos desenvolvidos em diversos locais como hospitais, escolas, presídios e asilos, no tratamento de enfermidades psicológicas e com pessoas em diversas faixas etárias, deficientes físicos, portadores de doenças crônicas e dependentes químicos.

No século XXI a produção de trabalhos desenvolvidos disparou, contribuindo para compreensão da prática biblioterapêutica no Brasil. “No Ceará, o curso de biblioteconomia da Universidade do Ceará foi o pioneiro da biblioterapia, com um projeto de pesquisa implantado no bloco de oncologia do Hospital infantil Albert Sabin, para crianças com câncer tendo lá permanecido até dezembro de 2000”. Assim afirma Pinto (2005, p. 40).

Na busca por artigos sobre biblioterapia se percebe de modo geral, que os autores geralmente são acadêmicos do curso de biblioteconomia, que sob a orientação de um professor desenvolvem seus projetos e como resultado

apresentam seus artigos. No entanto na Universidade Federal de Santa Catarina a teoria e prática são ofertadas desde 2002, como um curso. Em 2003, a biblioterapia foi inserida no currículo do curso de biblioteconomia e oferecida como disciplina optativa (CALDIN, 2010).

2.2 CONCEITOS, TIPOS E OBJETIVOS BIBLIOTERAPÊUTICOS

É de conhecimento a importância da leitura na vida de qualquer indivíduo, independe da etnia, idade, classe social ou econômica. Ela contribui no desenvolvimento cultural e intelectual do ser humano. A leitura não pode ser apenas limitada para decodificar signos e significados. De acordo com Ouaknin (1996, p. 97) “a leitura [...] abre para novos pensamentos e novos atos, inventa novos mundos, cuja novidade é também a renovação do sujeito [...]”.

A leitura não tem o mesmo significado, assim diz Maltez (2011) para todas as pessoas, depende da influência exterior e interior de cada indivíduo, relação única entre o texto e o leitor. Dessa forma, cada um responde de modo diferente, conforme leu. É resultado do aprendizado que cada sujeito traz consigo, ou seja, sua cultura, crença, emoções, experiência de vida que faz pensar e agir diferentemente um dos outros. Maltez (2011, p. 26) afirma “a utilização do livro e da leitura auxiliam na construção/reconstrução do equilíbrio interior [...]”.

A leitura terapêutica é usada como meio curativo tanto do corpo como da alma do indivíduo desde a antiguidade. Por meio dela, segundo Caldin (2010) o sujeito se descobre psicologicamente e socialmente, deixando-o em harmonia com a sua própria realidade. A leitura proposta pela biblioterapia traz consigo a interpretação seguida por uma transformação. Quando o indivíduo se identifica, se envolve na história e se reconhece nos personagens do enredo, ele percebe que não é o único que passa pela mesma situação ou problema. É um momento de desconstrução do “Eu” de acordo com Ouaknin (1996) a pessoa se inventa de outra maneira na criatividade da leitura. A utilização de livros e atividades lúdicas torna possível realizar trabalhos com objetivo de diminuir as tensões, a solidão, desajustes sociais, vulnerabilidade de crianças e adolescentes, desigualdade social entre outros.

Ouaknin (1996, p. 97) afirma que “a tese central da biblioterapia é que essa transfiguração – que é, ao mesmo tempo, uma temporalização – encontra suas

forças no processo narrativo-interpretativo da atividade da leitura”. De fato o encontro que uma pessoa tem com a história na leitura terapêutica proporciona a conversão de um estado psicológico e emocional frágil em um estado solidificado.

Observa-se que conceitos e objetivos estão intimamente ligados, por isso serão discutidos em conjunto. A professora Clarice Fortkamp Caldin em 2001, no seu artigo titulado “*A leitura como função terapêutica: biblioterapia*” fez uma relação de conceitos e objetivos de diversos autores:

L .H. Tweffort (apud CALDIN, 1949), conceitua “biblioterapia como sendo um método subsidiário da psicoterapia, um auxílio no tratamento que, através da leitura busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros resultando em um melhor ajustamento à vida”. O autor diz que a leitura terapêutica, serve como método suplementar no tratamento de distúrbios mentais e emocionais nas técnicas utilizadas da psicologia. O objetivo é reforçar o tratamento já existente, como por exemplo, a psicanálise para que o paciente possa se conhecer e compreender melhor. Além disso, estimula o indivíduo enfrentar da melhor maneira seus problemas e dificuldades com mais confiança.

No ponto de vista de Kenneth Appel (apud CALDIN, 1949), “biblioterapia é o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico”. O objetivo, apesar de salientar sobre o uso de diversos materiais se restringe apenas a seres humanos em tratamento para psicoses e problemas mentais. Auxilia na socialização e lucidez do paciente em tratamento, possibilita que este indivíduo tenha a oportunidade de sentir e experimentar sem a necessidade de vivenciar através de uma história.

Para Orsini (apud CALDIN; LIMA, 2013, p.35), “a biblioterapia é uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais”. Quando o autor se refere a prevenção entende-se no trabalho que poderia ser desenvolvido na escola, por exemplo, com objetivo de alertar e orientar crianças e adolescentes sobre amizade, namoro, morte, sexualidade, autoestima, exploração infantil, agressões físicas e verbais e até mesmo sobre o *bullying*, hoje tão frequente na escola.

Ratton (apud CALDIN; LIMA, 2013, p.605), “o Terceiro Novo Dicionário Internacional de Webster definiu biblioterapia como utilização de material selecionado de leitura para atuar como coadjuvante da medicina e da psicologia, e, também, como leitura dirigida a fim de solucionar pequenos problemas pessoais”.

Do ponto de vista do autor prevalece a ideia de que a biblioterapia é somente clínica. O público alvo são pessoas com problemas patológicos e psicológicos. Porém, ao revisar a literatura percebe-se que a utilização da técnica não cabe somente para área clínica, mas também para o desenvolvimento comportamental.

De acordo com Cunha; Cavalcanti (2008, p. 55), diz que é a “utilização de livros e outros materiais de leitura em programas de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais, bem como desajustes sociais”. De fato a biblioterapia permite trabalhar com qualquer material de leitura, seu objetivo é auxiliar o ser humano numa determinada situação ou dificuldade. Entretanto as obras literárias ganham destaques nas práticas biblioterapêuticas, assim diz Caldin (2013) “[...], pois a literatura tem o poder de libertar sentimentos e emoções”. Ou seja, outros materiais numa linguagem mais informativa não alcançariam os objetivos da biblioterapia.

Caldin (2010), “a biblioterapia se configura como um cuidado com o ser total, mediante a leitura, narração ou dramatização de histórias; destaca ainda a importância do diálogo posterior à apresentação da história”. É importante ressaltar que a leitura terapêutica sem uma mediação ou uma conversa não causa efeito algum. Esse mediador que pode ser um bibliotecário deve transmitir palavras de carinho, afetividade e solidariedade. O cuidado com o ser requer aceitar o indivíduo em todos os aspectos: emocional, mental, espiritual e físico.

Caldin e Lima (2013) salientam alguns objetivos da biblioterapia, como:

- Desenvolver o senso crítico;
- Integrar na vida comunitária;
- Adquirir novos conhecimentos;
- Compreender as diferenças;
- Respeitar a liberdade de escolhas;
- Estimular a criatividade, imaginação e autoestima;
- Satisfazer necessidade estética, intelectual, e emocional;
- Compreender problemas sociais;
- Amplia a visão e o conhecimento de diversos pontos de vista;
- Esclarecer problemas difíceis de serem conscientizados;
- Desenvolver atitudes sociais desejáveis.

Guedes e Baptista (2013, p. 236) afirma que o objetivo da leitura terapêutica é: “[...] modificar o estado de consciência do indivíduo, mudando sua percepção sobre situações diversas. A leitura terapêutica proporciona uma relação mais profunda com o texto, pois é uma atividade interativa baseada no diálogo.” Sendo assim, a biblioterapia fundamenta-se no entendimento e interpretação da história com o propósito de modificar e transformar o indivíduo auxiliando numa melhora na qualidade de vida.

Cabe ressaltar, que a biblioterapia não funciona em um “passo de mágica”. É um processo que requer planejamento, envolve profissionais de outras áreas, necessita de um ambiente adequado e acolhedor, a formação do grupo deve ser de acordo com as necessidades e problemas dos indivíduos, a seleção dos materiais a serem utilizados na leitura devem ser condizentes ao grupo, ou seja, que a história remeta de forma precisa aos sentimentos e pensamentos das pessoas envolvidas.

Acredita-se que a biblioterapia pode ser proposta para todas as idades, em grupo ou individual, em qualquer tipo de instituição seja privada ou pública. O importante é que a história ou até mesmo o livro a ser indicado seja adequado. Visto que a presente pesquisa focou na biblioteca escolar. A literatura especializada recomenda e sugere para o público infantil a utilização da literatura infantil, porque é capaz de mexer com o imaginário da criança. No caso de jovens e adultos as crônicas e poesias são ótimas opções para leitura terapêutica, nunca deixando de lado a dificuldade da pessoa para que haja o envolvimento do leitor/ouvinte com o enredo da história. Por isso:

[...] o papel do bibliotecário na biblioterapia é definido, em grande parte pela formação profissional específica do bibliotecário e sua interação com outros profissionais. O contexto no qual o programa é planejado e aplicado, os objetivos que pretende atingir, e os usuários aos quais destina são outros fatores determinantes. (CASTRO; PINHEIRO, 2005, p. 4).

A biblioterapia expandiu primeiramente em hospitais com intuito de “curar” pessoas com problemas mentais de modo que envolvia profissionais da área médica. Posteriormente, verificou-se que o método poderia ser utilizado de modo preventivo, auxiliando no desenvolvimento pessoal do sujeito.

Existem três tipos de biblioterapia:

Biblioterapia Institucional (paciente psiquiátrico) sendo caracterizada pelo uso de textos de limpeza mental, geralmente utilizado por pessoas hospitalizadas. Dessa maneira, busca auxiliar uma instituição ou um grupo de pessoas, disseminar e esclarecer problemas específicos, auxiliando na tomada de decisões e reorientação de comportamento referente ao trabalho. Assim utiliza-se uma leitura didática, podendo ser utilizada individualmente ou em grupo e aplicadas por médicos e bibliotecários.

Biblioterapia Clínica (pessoas com problemas emocionais) tem a finalidade de trabalhar o comportamento das pessoas em desenvolvimento com questões emocionais. Sua atividade é realizada em hospitais, clínicas e organizações de saúde mental. Assim, tem como objetivo fazer com que seus pacientes modifiquem seus comportamentos e atitudes encontrando soluções para seus problemas. Utiliza-se a literatura imaginativa sendo realizada, por médicos, bibliotecário e psicoterapeuta.

Biblioterapia Desenvolvimental (pessoas normal em crise) busca auxiliar a pessoas em tarefas comuns, além de auxiliar como lidar com problemas pessoais do dia-a-dia. Utiliza instituições educacionais para o desenvolvimento pessoal. Nesse caso é utilizada a leitura didática e imaginativa não sendo ligada a medicina é realizada por bibliotecários, educadores e outros (SILVA, 2011, p.16- 17).

Caldin e Lima (2013) destacam dois tipos de biblioterapia, a *Corretiva ou clínica* quando há o restabelecimento clínico da pessoa como: distúrbios emocionais e/ou comportamentais, sendo trabalhada por psicólogos e a *Preventiva ou de desenvolvimento* aplicada por bibliotecário com crianças, adolescentes e jovens em período escolar, bibliotecas públicas ou privadas, centros comunitários, orfanatos, creches, entre outros. De acordo com propósito deste trabalho a biblioterapia de desenvolvimento é importante na biblioteca escolar, se acredita na ideia de que a biblioteca é um ambiente propício, acolhedor e estimulador para desenvolver atividades biblioterapêuticas. Porém, se faz necessário que o bibliotecário esteja apto e ciente para dispor-se a esse trabalho que exige entusiasmo e preocupação social. Isto não significa que todo o bibliotecário deve torna-se biblioterapeuta, além do que, isso requer um estudo mais aprofundado, ou seja, melhor qualificação e especialização do assunto. Porém, o bibliotecário pode ser um aplicador da biblioterapia na sua biblioteca, sendo importante em caráter de conhecimento o profissional estar atento aos novos campos de atuação.

2.3 COMPONENTES BIBLIOTERAPÊUTICOS

Os principais componentes biblioterapêuticos são: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção (CALDIN, 2001).

Segundo Sacconi (1996, p. 147) diz que a catarse na “[...] psicanálise, tratamento das psiconeuroses que consiste em estimular o paciente a contar tudo o que lhe ocorre sobre determinado assunto, a fim de obter uma purgação da mente [...]”. A catarse pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções à medida que o leitor ou ouvinte se identifica na história através do personagem ou uma situação semelhante que tenha vivido. No intuito de eliminar tudo aquilo que causa incômodo, angústia, medo, preocupação, depressão entre outros sentimentos, através da catarse o indivíduo expõe seus sentimentos. Segundo Caldin (2001) a catarse é um dos componentes mais significativos, pois aparece em quase todas as histórias, apesar da sua origem ser atrelada à tragédia, por Aristóteles, atualmente alcança qualquer gênero literário. Isso justifica a pré-disposição e até mesmo a preferência de muitas crianças por histórias mais assustadoras, o que auxilia a extravasar o medo e purgar as emoções.

O segundo componente biblioterapêutico é o humor. Caldin (2001, p. 38) afirma que “ao buscar em Freud apoio teórico para compreensão do humor, observa-se que o humor configura como triunfo do narcisismo, posto que o ego se recuse a sofrer”. A imposição do ego contra as diversidades trata da ação do superego agindo sobre o ego, a fim de protegê-lo contra a dor. (FREUD, 1969 apud CALDIN, 2001).

A identificação é o processo em que o sujeito se apropria de uma característica, aspecto ou peculiaridade de alguém ou alguma coisa e segue este modelo do outro, totalmente ou parcialmente. Além disso, pode ocasionar certo conforto nas ações das histórias, como afirma Caldin (2001, p. 608) “[...], pois se identificam com as vivências de determinado personagem, suas vitórias e conquistas”.

É importante ressaltar que quando se fala em biblioterapia não se limita apenas a contação de uma história, mas inclui uma leitura solitária ou até mesmo uma dramatização da mesma. Por isso o público-alvo pode ser chamado de leitor, ouvinte ou espectador.

A autora Caldin (2010) corrobora, visto que o indivíduo se envolve no enredo e consegue enxergar a si mesmo nas personagens da história, ele se permite sair do seu “mundo” chamado realidade e passa a viver no mundo da ficção.

[...] se o leitor, o ouvinte, ou o espectador nutrir o desejo de experimentar as sensações da personagem com toda a segurança que a realidade não permite, mas a ficção possibilita, pode fazer isso introjetando as mesmas no momento especial da dramatização, da leitura ou da narração. Dessa maneira, o espectador, o leitor, o ouvinte, pode, também, ser invadido por uma sensação de bem-estar físico e mental, pode restaurar o equilíbrio, recuperar as forças que havia perdido superar, por alguns minutos que sejam as crises de ânimo, a fadiga da carne. Isso é o que advoga a biblioterapia. (CALDIN, 2010, p. 145)

Lembra Caldin (2009, p. 171) “[...] nas crianças a relação de identificação é mais forte que nos adultos, haja vista que se encontram no estágio inicial de desenvolvimento social”. Ou seja, as crianças se permitem aventurar no mundo da ficção.

A projeção e introjeção estão intimamente ligadas com a identificação. Através do diálogo biblioterapêutico o indivíduo compartilha sua reflexão sobre o texto trabalhado. Necessita projetar sua realidade de vida ou situação que o importuna no enredo da história. Sendo assim, os sentimentos como angústia, alegria, dor, tristeza, intenções, expectativas e desejos são assimilados de acordo com as vivências das personagens da história. A introjeção acontece quando numa sessão de biblioterapia em grupo as projeções dos participantes são também assimiladas uns pelos outros (CALDIN, 2001).

De acordo com Caldin (2010) a introspecção é a observação das próprias experiências pessoais. Portanto através da leitura o indivíduo reflete sobre seus sentimentos acarretando assim, um meio de mudança no comportamento. Ou seja, a introspecção é terapêutica e viabiliza uma mudança no jeito de ser do leitor ou ouvinte. Além disso, ele reconhece através das personagens não ser o único a ter problemas ou dificuldades.

[...] é uma auto-observação, um processo mental consciente, um exame dos próprios pensamentos, desejos e sensações. A finalidade de tal método é o relato minucioso das respostas aos estímulos a que o sujeito foi submetido, propiciando-lhe uma autoavaliação. (CALDIN, 2010, p. 169).

2.4 BIBLIOTERAPIA: ARTE OU CIÊNCIA

O ser humano pode e deve buscar a leitura por diversos motivos como um meio de diversão e descontração, na busca por conhecimento, pesquisa, entre outros. No entanto a biblioterapia tem como objetivo mudar o pensamento do sujeito em relação as suas próprias dificuldades, transformar o modo de ver seus problemas como uma situação que não é somente sua, mas que é comum e atinge outras pessoas também. Dessa forma ele passa a encarar diferente a realidade sem aquele sentimento que está sozinho.

Existe uma ambiguidade em relação à leitura terapêutica ser uma “arte ou ciência”. Apesar de ser uma técnica utilizada há muitos anos, recorrente na medicina encontra-se na literatura especializada autores que afirmam como arte.

A biblioterapia funciona como arte para os profissionais que utilizam para cura, porém não ligados à área médica. Consiste em uma técnica não diretiva de leitura conduzida à auto-ajuda a partir da seleção de textos que objetivam solução de problemas pessoais facilitando a compreensão da situação. Em síntese, a biblioterapia como arte consiste do ato do leitor retirar do texto, sem intervenção de um facilitador o que relaciona com as suas emoções, com seus objetivos, seus assuntos pessoais. Por outro lado, enquanto a arte da biblioterapia possui uma abordagem não diretiva, a ciência da biblioterapia focaliza o tratamento dos sujeitos que sofrem problemas de ajustamentos, problemas emocionais ou mentais sérios, estando estes sempre acompanhados da orientação de um profissional da saúde. Em síntese, a biblioterapia como ciência requer planejamento cuidadoso, conhecimentos médicos e considerações psicológicas. (ROSA, 2006, p. 26).

Com o crescimento informacional tornou-se indispensável a organização, controle, recuperação, disseminação e uso da informação, assim afirmam Guedes e Baptista (2013), então a Ciência da Informação veio para tratar e evoluir neste aspecto, sendo seu objeto de estudo a informação. “A Ciência da Informação ao longo do tempo foi fundamentada por sua característica social, cognitiva e interdisciplinar.” O social porque existe a necessidade de prover informações que sejam necessárias ao sujeito, que satisfaçam os seus desejos de busca, tanto no social como cultural. O aspecto interdisciplinar na Ciência da Informação permite que outras áreas venham colaborar através de seu estudo. E por fim, o cognitivo que nada mais é a aquisição do conhecimento.

Guedes e Baptista (2013) afirmam através de suas pesquisas que a aquisição de conhecimento se dá através da comunicação. Na comunicação são passadas

várias informações, visto que há uma ligação entre o indivíduo e o conhecimento a ser gerado após estas informações. Isto exerce uma função social, porque supri as necessidades informacionais do indivíduo. À medida que a sociedade evoluiu os meios de comunicação também evoluíram, e a necessidade exacerbada que o ser humano necessita de ser comunicar mudou a forma de trabalhar com a informação, que antes era organizada e preservada e que hoje precisa ser disseminada. Um exemplo disso são as bibliotecas. Antes sua preocupação era organizar e preservar os livros, hoje o maior objetivo é disponibilizar a informação ao seu usuário, não fazê-lo perder seu tempo.

Mas afinal, o que isto tem a ver com a biblioterapia?

A atividade é fundamentada no compartilhamento de informação do biblioterapeuta com os participantes da atividade, geralmente por meio de leitura de histórias. Cada um interpreta a informação em um processo cognitivo individual e posteriormente externa sua opinião num segundo momento de compartilhamento coletivo. No diálogo, podem-se considerar indivíduos participantes da atividade biblioterapêutica, pois nesse processo são realizadas decodificações cognitivas das mensagens (interpretações das informações adquiridas na leitura). O conceito de comunicação representa o próprio processo biblioterapêutico que possibilita a troca de informações e interpretações. (GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 242).

As autoras Guedes e Baptista (2013, p. 248) colaboram com a ideia de que a Ciência da Informação e a biblioterapia tem pontos em comum que devem ser considerados. “A informação é objeto de estudo da Ciência da Informação”. A biblioterapia “tem a informação como objeto essencial para a execução da atividade”. Visto que a responsabilidade social e a interdisciplinaridade se fazem presente em ambas.

2.5 BIBLIOTERAPIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

A prática da biblioterapia no ambiente escolar já foi foco de pesquisa das autoras Caldin e Lima (2013) que desenvolveram atividades biblioterapêuticas com crianças de seis a sete anos de idade numa escola municipal de Florianópolis/SC. Uma das contribuições foi o contato que as crianças tiveram com diversas obras literárias, além de atividades recreativas e interpretações mais aprofundadas sobre as histórias. Na leitura terapêutica as obras literárias são mais recomendadas e aceitas pelo público, no entanto não impede de usar outros tipos textos como já se discutiu anteriormente.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999 apud CALDIN; LIMA, 2013) os livros específicos para o público infantil apareceram em meados do século XVII, mas a produção era muito pouca. Percebendo que as crianças necessitavam de histórias que mexessem com a imaginação e fantasia, no século XVIII houve a necessidade de uma literatura específica. Assim iniciou-se o processo de consolidação da literatura infantil, porém na sociedade mais abastada. Isso demonstra uma vantagem neste trabalho, que é viabilizar o contato da criança com obras literárias.

Na análise das atividades realizadas por Caldin e Lima (2013) se observou crianças muito tímidas e retraídas que se desinibiram ao longo dos encontros, e demonstraram afetividade e a socialização foi identificada. Além disso, a imaginação e criatividade ficaram evidentes nas crianças. O contato físico, também foi um fator relevante, possibilitando uma melhor interação e descontração entre eles. Estabelecendo laços de confiança uns com outros ao compartilhar seus problemas com os demais, pois a história narrada ou contada levou essas crianças à catarse, ou seja, pacificando suas tensões e se identificando em algum momento daquela história. Vale lembrar que o papel do bibliotecário juntamente com o professor, pedagogo e psicólogo da instituição é identificar os problemas de cada indivíduo, agrupá-los e escolher a história que melhor se encaixa naquele problema.

É importante ressaltar que o bibliotecário não trabalha sozinho, ele é tão importante quanto os demais profissionais já citados. O importante é a escola estar engajada nessa ideia. O profissional prepara o espaço, escolhe o material a ser utilizado e por fim serve como mediador dessa interpretação, mas nunca intervindo nas respostas que a criança ou adolescente venha dar.

Outro exemplo de eficácia da biblioterapia foi o estudo de Bachert (2006) que relata a estratégia biblioterapêutica com 27 adolescentes com problemas disciplinares de uma escola no interior de São Paulo. Neste caso eles foram motivados através de textos e imagens num trabalho terapêutico de recuperação da autoestima, sendo assim, permitiu que esses jovens tivessem um novo comportamento.

A dissertação de mestrado de Cristina Maria Rodrigues dos Santos Maltez relata a experiência como mediadora nas sessões terapêuticas realizada numa biblioteca escolar. Um dos assuntos trabalhados com os alunos da 5^o ano ao 9^o foi à morte.

O tema da morte foi debatido de uma forma muito relacionada com os sentimentos de cada um, porque os alunos identificavam situações pessoais de morte de entes queridos, choraram, calaram-se, ficaram preocupados, sorriram, quiseram ler os livros, requisitá-los. Conseguiu-se perceber que havia situações ainda muito vivas, não por estarem mal resolvidas ou compreendidas, mas por causa da saudade que fica. (MALTEZ, 2011, p. 78).

A autora salienta sobre a cautela em falar sobre morte com crianças e adolescentes, pois diversas vezes não se pode aprofundar no assunto devido a situações de alguns alunos que perderam familiares recentemente. Isso mostra o cuidado que o profissional deve ter em tudo o que acontece ao seu redor. Precisa ser sutil no seu diálogo, sensível e atento ao seu público alvo.

O artigo titulado “Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso” de Caldin; Lucas e Pinheiro (2006) relata a experiência realizada em treze encontros com 20 crianças de 4 anos de idade por duas bibliotecárias, uma acadêmica do curso de biblioteconomia, uma pedagoga e uma auxiliar de sala. Os objetivos alcançados por elas foram perceptíveis a cada encontro. Crianças que apresentavam problemas de relacionamento mostraram-se mais próximas e receptivas, diminuição da timidez e elevação da autoestima.

O contato físico e afetivo com toda a equipe proporcionou às crianças momentos de alegria, de descontração pois elas ficavam à vontade para falar dos seus problemas, de suas dificuldades e também compartilharam suas alegrias com a equipe e com os colegas. (CALDIN; LUCAS; PINHEIRO, 2006, p. 413).

Na literatura especializada não foi encontrado aspectos negativos da biblioterapia, ou algum tipo de malefício divulgado. O importante é o cuidado na formação dos grupos que participam das sessões terapêuticas, que sejam homogêneos com os mesmos interesses ou que tenham dificuldades em comum.

A biblioterapia no ambiente escolar não se limita apenas a leitura terapêutica, agrega outras atividades e ambientes dentro dela como, por exemplo, a brinquedoteca “[...] que tem como objetivo garantir a criança um espaço que se destine a brincar” (SILVA, 2011, p. 29). É o momento de relaxamento da criança em que libera suas tensões de uma maneira descontraída, sem limites ou proibições. Oportuniza se descobrir e conhecer o outro, porque permite uma interação e socialização com os demais.

A musicoterapia é outra atividade que pode ser inserida a prática biblioterapêutica, pois ela tem como objetivo de acordo com Silva (2011) desafiar a

criança ou adolescente a liberar sentimentos contidos que impede este indivíduo de se comunicar ou se relacionar, principalmente para aquele sofre de muita timidez, por exemplo, a música é uma ótima atividade de introdução para leitura terapêutica.

E por fim, a autora Silva (2011, p. 31) recomenda o teatro de fantoches porque “estimula a percepção e a reação inconsciente a uma imagem personificado, em seres humanos, além de contar com uma facilidade de emitir a realidade”. Essa atividade não se restringe somente para o público infantil, mas sim para toda uma comunidade escolar.

3 BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar não é um órgão independente da escola. Ela depende e necessita da participação da comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, gestores e pais) para fomentar a informação. Garcia (1989) afirma que a biblioteca escolar é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Uma instituição que não conta com uma biblioteca ou onde a mesma não funciona é estática, ou seja, improdutiva.

De acordo com Côrte e Bandeira (2011, p. 6) a biblioteca escolar exerce, com suas atividades, um papel político, educativo, cultural e social, contribuindo para:

- a) Ampliar as oportunidades de educação e conhecimento dos alunos;
- b) Colocar à disposição dos alunos acervos e informações que complementam o currículo escolar;
- c) Promover e facilitar o intercâmbio de informações;
- d) Promover a formação integral do aluno;
- e) Torna-se um ambiente social, cooperativo e democrático;
- f) Facilitar a ampla transmissão da arte, da ciência e da literatura;
- g) Promover a integração entre aluno, professor, ex-alunos e pais.

A missão e os objetivos da biblioteca escolar de acordo com Côrte e Bandeira (2011, p. 8) estão ligados à escola, “isto significa que a biblioteca deve estar em sintonia com os interesses da instituição, caminhar no mesmo propósito”. É ela que fará a ponte entre os conhecimentos gerados no mundo exterior e a comunidade docente e discente. “Os professores necessitam atualizar os conhecimentos e aperfeiçoar os métodos de ensino”. Torna-se fundamental o bibliotecário estabelecer diálogo com os professores, pedagogos, psicólogos e gestores da escola para captar as necessidades e metas que pretendem alcançar e desenvolver dentro da sala de aula, assim ele pode preparar a biblioteca com precisão e eficiência.

Afirmam que a missão da biblioteca escolar é a:

[...] porta de entrada às novas experiências da leitura, mas sem esquecer o que ela é: um instrumento de apoio ao processo educacional. É a biblioteca que cabe fazer nascer no aluno o interesse, germinar a curiosidade e fazê-lo voltar a outros livros. Essa é a sua missão. O retorno de seus leitores em busca de novos conhecimentos e emoções. Leitores cativos, apaixonados e rendidos. Uma legião de leitores fiéis que se farão presentes pelo resto da vida em quaisquer outras bibliotecas do mundo. (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 9).

A biblioteca escolar é o lugar para desenvolver o hábito da leitura em diferentes suportes seja impresso ou digital. O importante é colocar o aluno em contato direto com a leitura para despertar o interesse e o gosto pela mesma. É também, um lugar de ensino-aprendizagem, de novas descobertas e experiências, onde a informação é prioridade porque gera conhecimento e torna o aluno competente para frequentar qualquer outro tipo de biblioteca.

O papel cultural e social compete à biblioteca escolar realizar atividades que proporcione contato com diferentes culturas, aprenda desde cedo a respeitar as diferenças seja cultural ou social. O importante é que o aluno percorra os mais diversos ambientes, auxiliando na sua formação de cidadão pleno. A interação social também se torna fundamental no sentido de reafirmar este indivíduo na sociedade independente da situação física, intelectual, emocional ou econômica. Todos têm direito a uma educação de qualidade e acesso a leitura e informação.

A biblioteca escolar precisa estar de acordo com as práticas pedagógicas da instituição a qual pertence, mas nunca perdendo de foco seu usuário, atentando para suas necessidades sejam elas quais forem. Porque em muitos casos a escola e a biblioteca são os únicos lugares em que esses alunos são ouvidos ou até mesmo vistos. Por isso, é importante atentar para a individualidade de cada aluno para que possíveis lacunas sejam preenchidas e trabalhadas adequadamente.

4 O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

4.1 O BIBLIOTECÁRIO

A profissão está intimamente ligada à educação, ao ensino superior para aquisição de conhecimentos e técnicas para o desenvolvimento de competências especializadas, para resolução de problemas, assim diz Farias e Cunha (2008). Acredita-se que a qualificação e experiência são subsídios indispensáveis para tornar-se um profissional da informação.

De acordo com os autores, bibliotecário é o:

Profissional que tem a seu cargo a direção, conservação, organização e funcionamento de bibliotecas. Profissional que: a) desempenha funções técnicas ou administrativas em bibliotecas; b) lida com documentos de todos os tipos (p.ex.: livros, periódicos, relatórios, materiais não-impressos) com base na especificação de seu conteúdo temático e a serviço de uma variedade de usuários, desde crianças até cientistas e pesquisadores [...]. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 53).

Além disso, o profissional bibliotecário precisa atender as demandas e exigências que as novas tecnologias vêm impondo. Visto que, a produção e a busca por informações tornaram-se cada vez mais rápida. É necessário que este profissional saiba organizar, administrar e disseminar esta informação que é vital para fomentar uma sociedade.

O bibliotecário deve estar aberto a toda e qualquer novidade que envolva a informação.

Surgem rapidamente novos mercados de trabalho para os profissionais bibliotecários. Se antes a sua atividade podia ficar restrita aos limites físicos de uma biblioteca e de uma coleção, agora o uso difundido da tecnologia a serviço da informação transpõe barreiras físicas e institucionais. Hoje, podemos dizer com total propriedade, que não estão limitadas as atividades de uma biblioteca. Deixaram de ser passivos, guardiões de livros, para ganharem o mérito e a glória de se tornarem grandes formadores de leitores em qualquer ambiente informacional e através de diferentes recursos tecnológicos e técnicas inerentes ao bibliotecário, seja contando histórias através da Hora do Conto em uma biblioteca escolar ou exercendo as suas atividades de “Cibertecário” através da prestação de serviço on-line. (SILVA, 2005, p.10-11)

É importante ressaltar que o bibliotecário atua em diversas especialidades como: jurídico, bibliotecário de sistema, de referência, de processamento técnico, de

aquisição, de periódicos, área médica, escolar, na área de música, consultor e coordenador de unidade de informação, conforme Silva (2005).

4.2 BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

Para atender aos objetivos deste trabalho a autora detêm-se em falar sobre o bibliotecário escolar. Profissional este muito atuante na área da educação. Acredita-se que seu trabalho perpassa as técnicas ensinadas durante a graduação, pois o mesmo auxilia toda a comunidade escolar e participa da prática pedagógica da escola. Além de realizar empréstimos, classificar, catalogar, auxiliar na pesquisa, realizar hora do conto entre outros, segundo as autoras Côrte e Bandeira (2011) este profissional precisa ser crítico e distinguir no momento da seleção e da indicação de livros para sua biblioteca materiais de qualidade.

De acordo com Farias e Cunha (2008, p. 30) o bibliotecário precisa ser um “profissional dinâmico, pois caberá a ele estabelecer a ponte entre a biblioteca e os alunos, a biblioteca e os professores, e entre a biblioteca e os conteúdos”.

O trabalho do bibliotecário na escola é dinamizar e potencializar o aprendizado em sala de aula, além disso, incentivar a utilização de toda e qualquer fonte de informação e suporte, capacitando-o para que possa desenvolver competências para lidar com esta gama de informações hoje disponíveis e fazer bom uso delas. Nunca esquecendo as necessidades e interesses dos usuários que é muito importante para que se sintam integrados. É importante ressaltar, o estímulo a prática da leitura, que proporciona novos interesses e saberes que contribuirão não somente no rendimento em sala de aula, mas no desenvolvimento intelectual, cultural e social do indivíduo.

No período escolar, segundo Silva (2005) a criança está formando a sua identidade crítica e sua capacidade de argumentação e criação. Por isso é imprescindível disponibilizar de forma adequada a informação no ambiente pedagógico e de forma organizada e lúdica, para que a mesma possa contribuir na geração de conhecimento de maneira eficaz.

A hora do conto é um recurso fundamental numa biblioteca escolar e requer do profissional habilidade como: curiosidade, observação, criatividade e afetividade. Esse recurso deve ser explorado ao seu máximo, pois não trata de um mero divertimento, e, sim uma maneira de incentivar o gosto e hábito pela leitura,

promover a discussão e conhecimento sobre diversos assuntos, estimular a imaginação e a criatividade. Também ajuda desassociar a biblioteca como um lugar “chato”, onde deve se fazer silêncio, ou na pior das hipóteses um local de castigo.

4.2.1 COMPETÊNCIAS DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR

Segundo as autoras Côrte e Bandeira (2011, p. 14-15) o bibliotecário escolar deve ter as seguintes competências:

- a) Curso de biblioteconomia, conforme a lei nº 4 084/62;
- b) Ser um investigador permanente;
- c) Possuir atitudes gerenciais proativas;
- d) Ter espírito crítico e bom senso;
- e) Ser participativo, flexível, inovador, criativo facilitar a interação entre os membros da comunidade escolar;
- f) Possuir capacidade gerencial e administrativa;
- g) Possuir capacidade de comunicação e relacionamento interpessoal;
- h) Saber que a informação é imprescindível à formação do aluno;
- i) Dominar as modernas tecnologias da informação;
- j) Estar atualizado na sua área de atuação;
- k) Ter consciência de que o usuário é seu fim último;
- l) Saber que a informação é imprescindível à formação do cidadão;
- m) Reconhecer sua profissão como importante e necessária para a sociedade;
- n) Reconhecer-se como um agente de transformação social;
- o) Ser um leitor crítico, que distingue, no momento da seleção e da indicação de livro, a literatura infantil e juvenil que é de qualidade.

A participação efetiva do bibliotecário na instituição em que está alocado é fundamental para estabelecer uma interação com a comunidade escolar. Estabelece uma comunicação importante para troca de informações, pois o profissional necessita estar sempre atento a tudo que acontece ao seu redor. Isso permite maior confiabilidade no trabalho desenvolvido por ele. Auxilia no reconhecimento da profissão como agente de transformação da sociedade e na formação de cidadãos.

É importante para o profissional da informação um bom conhecimento das obras literárias, principalmente no ambiente escolar em que a literatura infantil e juvenil é mais indicada. Por isso a leitura é fundamental para o bibliotecário desenvolver seu senso crítico na hora de selecionar e adquirir livros novos de qualidade para biblioteca.

4.2.2 ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR COM A BIBLIOTERAPIA

Primeiramente é importante deixar claro que a leitura por si só não caracteriza como leitura terapêutica. É necessário que o indivíduo tenha um acompanhamento, um mediador profissional seja ele um bibliotecário com formação terapêutica (Biblioterapeuta) psicoterapeuta, psicólogo, psicopedagogo ou pedagogo. O bibliotecário que atua hoje na escola pode ser um aplicador da biblioterapia tendo o interesse, porém é indispensável que esse trabalho seja realizado em conjunto com os professores devido a maior aproximação dele com as necessidades de cada aluno. O psicólogo da instituição também deve estar junto, pois tem embasamento teórico sobre terapia, além de conhecer a realidade desses alunos.

Cabe ressaltar que a aplicabilidade biblioterapêutica serve para todos os tipos de públicos. A literatura especializada mostra diversos públicos diferente, como: idosos, dependentes químicos, crianças e adolescentes com doenças crônicas, deficientes físicos, universitários, encarcerados e outros.

Para que o bibliotecário envolva-se na prática de biblioterapia, é necessário que esteja informado sobre as iniciativas de trabalho e pesquisa sobre o tema. Desta forma será possível estabelecer contatos com outros profissionais para o compartilhamento de ideias, conhecer a realidade de cada grupo estudado para estruturar o seu programa de Biblioterapia e divulgá-lo para a comunidade científica e comunidade geral. (LEITE, 2009, p.34).

Este trabalho proporcionou aos sujeitos da pesquisa indagar sobre este tema, questionar sobre o assunto, despertando talvez, para uma nova atuação de trabalho. Trocando ideias com outros profissionais sobre biblioterapia, quem sabe novos trabalhos surgirão para contribuir e solidificar este campo de atuação dos bibliotecários. Pois esta técnica é multidisciplinar e há espaço para todos os profissionais trabalharem, basta estarem dispostos a melhorar a vida social do indivíduo.

Como todo profissional o biblioterapeuta precisa obter qualidades para desempenhar bem a sua função, assim observou Bezerra (2011):

- a) Equilíbrio emocional;
- b) Bom estado físico;
- c) Caráter;
- d) Personalidade;
- e) Conter preconceitos pessoais;
- f) Pronto há novos aprendizados;
- g) Direcionar sentimentos pessoais;
- h) Assumir a responsabilidade pela seleção de material de leitura, de acordo com as necessidades do leitor.

O profissional deve estar bem consigo mesmo para desempenhar a função de biblioterapeuta, pois ele lidará com as mais diversas e difíceis situações e ele será a ponte entre o problema e o bem estar do aluno. O bibliotecário ao identificar as necessidades e formar um grupo, tem como seu papel principal selecionar uma história que encaixe exatamente com os problemas daquele indivíduo. No caso das crianças como já vimos, a literatura proporciona diversas opções para que a catarse aconteça.

O processo biblioterapêutico de acordo com Bezerra (2011, p. 33) faz uso de ferramentas como a contação de história - “é um recurso terapêutico bem aplicado na biblioterapia, pois instiga o imaginário do indivíduo”; outro instrumento utilizado é a música – “serve como motivação, eleva a auto-estima, tem como função amenizar/suavizar, o sofrimento do indivíduo; e a última ferramenta é a dramatização – “um recurso válido para complementar a leitura ou a narração do texto literário”.

O bibliotecário precisa seguir alguns passos para realizar a biblioterapia na sua biblioteca escolar, assim afirma Caldin (2005).

1º) Fazer um levantamento das preferências de leitura do grupo de alunos a ser realizada as práticas biblioterapêuticas, através de entrevistas.

2º) Escolher as histórias, livros e outros materiais e recursos para as atividades.

3º) Deixar de livre arbítrio do aluno participar ou não. A biblioterapia se difere das demais atividades comuns da biblioteca.

4º) Os profissionais da educação devem trabalhar conjuntamente com o profissional bibliotecário.

Considera-se importante o bibliotecário escolar estar apto à aplicação da biblioterapia, visto que ele promove a cultura e incentiva o gosto pela leitura.

A biblioterapia é um novo caminho para o bibliotecário trilhar em benefício da sociedade, para isso ele precisa estar ciente do seu papel social, ter o espírito aberto e inovador, procurar criar alternativas de incentivo a leitura terapêutica, nos locais que julgar necessário. (ZEQUINÃO, 2010, p. 13).

O importante é a espontaneidade do bibliotecário em relação à biblioterapia, buscando uma especialização nesta área de atuação, interagindo com profissionais de outras áreas, o que contribuirá muito na biblioteconomia.

O biblioterapeuta é antes de tudo um profissional bibliotecário com formação, para promover a leitura como um instrumento terapêutico, assim sendo, um profissional especializado que atua em outros âmbitos da sociedade, interagindo em ambientes de trabalho com diversos profissionais. (SILVA, 2008, p. 26).

Por isso é necessário que os profissionais envolvidos e interessados a desenvolver atividades biblioterapêuticas na biblioteca escolar reúnam-se para discutir os métodos que serão adotados. De quais formas abordarão os participantes o que requer planejamento por parte de todos, para que realmente a biblioterapia aconteça.

A seguir serão apresentados os procedimentos metodológicos e os resultados da pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é um estudo exploratório descritivo. Exploratório no sentido de aproximar e relacionar os bibliotecários que atuam nas bibliotecas escolares (municipais e estaduais) com as atividades biblioterapêuticas. Expor a percepção deles em relação ao tema estudado e seu conceito. Além disso, possibilitou comprovar através da revisão de literatura a eficácia, importância e possibilidade de realizar essa terapia na biblioteca. Também, caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, porque de acordo com Appolinário (2006) o estudo se baseia em descrever as concepções dos profissionais. Buscou-se o mínimo de interferência do pesquisador ou até mesmo do próprio sujeito da investigação. Permitiu-se conhecer as percepções e os conhecimentos que cada bibliotecário possuía sobre biblioterapia.

Em relação à natureza dos dados, a mesma é qualitativa, embora Appolinário (2006) defenda a improbabilidade de uma pesquisa ser totalmente qualitativa ou completamente quantitativa. Sempre haverá um elemento qualitativo na quantitativa e vice-versa. O autor ainda ressalva que as pesquisas qualitativas trabalham com acontecimentos ligados às Ciências Sociais. De acordo com o autor, a pesquisa predominantemente qualitativa parte do contato social do investigador com o caso investigado.

O instrumento utilizado para coletar informações dos bibliotecários escolares foi através de entrevistas, a qual trata segundo Severino (2007) de um diálogo entre investigador e investigado. Para melhor compreender o que os profissionais pensavam, sabiam ou faziam sobre as práticas biblioterapêuticas em suas respectivas bibliotecas, optou-se por uma entrevista estruturada individual nas bibliotecas escolares municipais e estaduais da cidade do Rio Grande.

Severino (2007) afirma que a entrevista estruturada, como próprio nome remete, trata de perguntas organizadas e estruturas de maneira bem direta, como se fossem questões de questionário, sendo assim mais fáceis para categorizar as informações.

O estudo apresenta uma temporalidade de caráter transversal e o universo da pesquisa conta com 10 bibliotecários entrevistados.

A finalidade da pesquisa foi básica, no intuito de acrescentar informações que possam transformar o conhecimento e a prática da biblioterapia no ambiente

escolar, como também auxiliar os estudantes de biblioteconomia, professores do curso e profissionais bibliotecários.

5.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através de uma visita a Secretaria Municipal de Educação e Cultura - Divisão de Bibliotecas no município de Rio Grande conseguiu-se os nomes e telefones dos bibliotecários escolares da rede municipal escolar. O objetivo da Divisão de Bibliotecas é colaborar com o crescimento e integração das bibliotecas locais, como: a biblioteca pública, bibliotecas escolares, biblioteca móvel e o centro de formação Escola Viva, sob a coordenação da bibliotecária Rosane Machado de Azevedo que forneceu os contatos dos bibliotecários para entrevista. Após entrou-se em contato com sete bibliotecários pedindo que concedesse uma entrevista. Prontamente aceitaram e então foi marcado para o dia seguinte. Houve três profissionais que não foram localizados neste dia, e um bibliotecário encontrava-se afastado de suas atividades por motivos de saúde.

A rede estadual de ensino conta apenas com quatro bibliotecários na cidade do Rio Grande, sendo que dois profissionais não foram possíveis estabelecer contato nas quatro tentativas, o terceiro encontra-se em desvio de função restando apenas um que contribuiu cedendo à entrevista. Chama-se a atenção de que os bibliotecários entrevistados são bibliotecários escolares, sendo assim justifica esse número reduzido de profissionais atuantes no município.

A pesquisadora optou pela não divulgação dos nomes e o sexo dos bibliotecários entrevistados, pois acredita ser desnecessário e não comprometerá a análise e discussão dos dados, visto que eles serão identificados por números.

Quadro 1- Instituição e ano de formação

Bibliotecário	Instituição	Ano
1	FURG	1982
2	FURG	2004
3	FURG	2010
4	FURG	2000
5	FURG	1996
6	FURG	2005
7	FURG	2010
8	FURG	2009
9	FURG	2010
10	FURG	1992

Fonte: a autora

O quadro 1 mostra que os bibliotecários escolares formaram-se na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), nos mais diversos anos. Chama atenção o *bibliotecário 1* que formou-se em 1982 e trabalha pela manhã na Biblioteca Rio-Grandense no processamento técnico e a tarde na biblioteca infantil Monteiro Lobato que recebe a visita de várias escolas da cidade, localizada no mesmo prédio, onde desenvolve um excelente trabalho de contação de histórias com diversas escolas que agendam uma visita para levarem as crianças. O objetivo da pergunta sobre a instituição e ano de formação foi mais em caráter de curiosidade da pesquisadora, e também para verificar de onde esses profissionais são oriundos. Percebeu-se a existência de bibliotecários formados na década de 80 realizando seu trabalho com o mesmo empenho e dedicação.

As competências do bibliotecário escolar já foram discutidas anteriormente, porém ao analisar com as atividades biblioterapêuticas perceberam-se algumas semelhanças que podem estar interligadas na atuação deste profissional, por isso foi perguntado a eles quais as competências e habilidades que um bibliotecário escolar precisa para ser um bom profissional?

Quadro 2 – Competências e habilidades de um bibliotecário escolar

Bibliotecário	Competências e habilidades
1	<i>Gostar de trabalhar com crianças, ser amante da leitura, desenvolver o hábito e gosto da leitura, criatividade nas atividades lúdicas.</i>
2	<i>Despertar no aluno o gosto pela leitura com atividades desenvolvidas dentro da biblioteca. Tenho um pouco de dificuldade com a hora do conto, devido à timidez, porém acredito que o bibliotecário escolar precisa ter mais domínio pedagógico.</i>
3	<i>O principal seria motivar os alunos para parte da leitura, realizar promoções de leitura dentro da biblioteca. Realizo hora do conto e uma vez por ano a tarde literária (teatro, música e brincadeira) com todas as turmas.</i>
4	<i>O bibliotecário precisa ter em mente o lado social desenvolvido, ou seja, precisa estar interessado no ser humano. O essencial é o contato e tratamento que deve ser primordial ao aluno para que haja inclusão na sociedade.</i>
5	<i>O bibliotecário tem que gostar de gente, ser paciente porque sua clientela é muito peculiar. É preciso ensiná-los a serem usuários da biblioteca. É necessário dar liberdade para mexerem, vasculhar os materiais... Dá trabalho, mas eu deixo, eu sempre fui muito humana como bibliotecária.</i>
6	<i>Incentivar leitura com a hora do conto, fazendo tudo para atrair o leitor.</i>
7	<i>Ser leitor, dominar a literatura infantil para estabelecer um diálogo com os usuários, ser um mediador da informação e ter bom relacionamento com toda comunidade escolar.</i>
8	<i>Mais do que dominar as técnicas é preciso conhecer seus usuários para isso é fundamental um relacionamento com os alunos, através de atividades pedagógicas. É preciso ser criativo e investigativo para saber o gosto e necessidades de todos os alunos.</i>
9	<i>Priorizar o hábito da leitura não somente abrir um livro, mas o entendimento da leitura. Também priorizar a parte técnica que é importante, agiliza e poupa o tempo do leitor e tudo aquilo que a gente já conhece.</i>
10	<i>Auxiliar na pesquisa era o carro chefe do trabalho em biblioteca escolar, mas com a popularização da internet, pode-se considerar esta atividade quase em extinção. Hoje em dia auxílio na busca, orientando sobre sites confiáveis e na formatação dos trabalhos. Dou ênfase em formar leitores e futuros usuários de bibliotecas, buscando transformar a leitura em um hábito diário e gostoso. Auxiliar na alfabetização, propondo leituras compatíveis com as idades ou competência de leitura de cada criança. Incentivar a cultura da informação, o gosto pelo conhecimento.</i>

Fonte: a autora

De acordo com o quadro 2 - os bibliotecários prezam muito pelo incentivo a leitura. O gosto pela leitura não é somente para seus usuários, mas também para o profissional da informação que deve ter hábito e gosto pela leitura muito bem desenvolvido. Depois gostar de crianças e importar-se com as necessidades delas como usuários. Competem ainda ao bibliotecário oferecer atendimento adequado as necessidades de cada aluno. Além disso, o lado social e humano está incutido na mente de alguns, neste caso o *bibliotecário 4*. A boa convivência com toda a comunidade escolar torna-se fundamental para bom andamento do trabalho dentro da biblioteca, pois eles são os usuários dela. Também o *bibliotecário 5* demonstra seu lado humano ao permitir que seus usuários explorem os livros, isto também é uma forma de aprendizagem e interação social.

Outro questionamento abordado aos entrevistados foi sobre o que eles conheciam sobre biblioterapia? Dos dez profissionais, sete responderam semelhantemente com o *bibliotecário 2* – “*Nunca estudei sobre o assunto, mas tenho ideia de que se trata de uma terapia com livros*”. O *bibliotecário 1* respondeu da seguinte forma – “*Olha acredito que seja uma terapia através do livro... da leitura? Acho que deve ser mais ou menos isso analisando a palavra*”. Pressupõe-se em razão de não ouvirem falar e muito menos conhecerem sobre a prática biblioterapêutica, o fato de todos os sujeitos entrevistados serem formados na mesma universidade onde o curso de biblioteconomia aparentemente não trabalha com este tema.

O *bibliotecário 3* compartilhou o seguinte – “*Quando fui fazer o meu trabalho de conclusão de curso optei por esse assunto, mas eu não achei muita coisa (bibliografia), então acabei mudando de assunto. Acho muito legal e interessante pelo que li na época. Pensava montar uma biblioteca numa comunidade terapêutica de usuários de drogas com um acervo composto de livros de autoajuda e literatura*”. A resposta reafirma o que foi dito anteriormente que muitos trabalhos hoje disponíveis sobre biblioterapia são de iniciativa própria dos acadêmicos, motivados pela curiosidade e talvez pela ausência do assunto no período de sua formação.

Os *bibliotecários 4 e 6* admitiram não saber do que se trata a biblioterapia, mas, logo em seguida pediram esclarecimento sobre a mesma para a pesquisadora. Percebeu-se interesse em conhecer mais sobre as práticas biblioterapêuticas, principalmente, o *bibliotecário 4* que afirmou “*Eu pratico a biblioterapia sem saber*”. Além de atender a comunidade escolar esse profissional tem um projeto sócio

educativo com menores infratores que cumprem suas penas dentro da biblioteca em tarefas educativas. No entanto, o projeto não se limita apenas em ler qualquer livro, existe um cuidado em escolher obras literárias, crônicas e até textos mais informativos que vão ao encontro da situação de risco daquele menor, para que ele reflita sobre sua conduta e não veja esse momento de leitura como castigo e sim como uma oportunidade de reintegrar-se a sociedade. O adolescente faz a leitura e depois relata sobre o enredo da história, a partir desse ponto há todo um diálogo entre o bibliotecário e este menor. Ele precisa explicar o que entendeu e quais aspectos, qualidades e características da ficção encaixam-se na sua realidade de vida. De acordo com Trindade (2009, p. 52) “o bibliotecário tem a incumbência de transmitir o conhecimento, tem como dever ser o mediador de leituras e buscar fazer do livro um companheiro inseparável, nas mais infinitas situações, para cada indivíduo, [...]”.

O objetivo do questionamento sobre o conhecimento ou não da biblioterapia era identificar entre os profissionais se de fato, possuíam embasamento teórico sobre o assunto. Visto que não há teoricamente, o trabalho realizado pelo *bibliotecário 4* mostra uma atividade biblioterapêutica peculiar de desenvolvimento, ou seja, auxilia pessoas em crise e com problemas de conduta.

Em seguida, foi perguntado aos profissionais se no período da sua graduação houve alguma disciplina, palestra ou qualquer outro evento voltado para biblioterapia? Todos afirmaram que não, nunca ouvirão falar dentro do curso sobre esse tema. O *bibliotecário 5* diz “*Não nunca houve nada relacionado a este assunto, o curso estava muito preso às técnicas*”. O *bibliotecário 10* relata “*Quando cursei biblioteconomia este termo ainda não era corrente, mas sua utilidade já era conhecida, por exemplo, nas bibliotecas de presídios, quando se busca através da leitura, a ressocialização dos condenados, por exemplo*”. É importante lembrar que o bibliotecário sendo um profissional que lida com a informação precisa dominar às técnicas de catalogar, classificar e indexar, tarefas de suma importância. No entanto na biblioteca escolar almeja-se mais do que isso, exige relacionamento e diálogo, gostar de ensinar e brincar ao mesmo tempo, dar liberdade para explorar esse mundo novo chamado leitura e paciência para explorar os livros. O intuito era certificar a ausência de qualquer discussão ou debate sobre leitura terapêutica no ensino formal.

É de conhecimento geral a importância do incentivo e hábito da leitura na vida de qualquer indivíduo, mas principalmente quando se trata de crianças e adolescentes é inegável que a biblioteca escolar é responsável na realização de atividades de leitura, considerando o bibliotecário um mediador dessas práticas desenvolvidas. Por isso foi perguntado a eles quais atividades de leitura são realizadas na biblioteca? Todos responderam que a Hora do Conto ou contação de história é a atividade de leitura realizada efetivamente. É um momento reservado para narração, dramatização ou leitura de histórias para as crianças. É indiscutível a importância da hora do conto nas bibliotecas escolares, pois contribui na leitura, na imaginação, na criatividade e na socialização.

O *bibliotecário 3* afirma que além da hora do conto realiza uma vez por ano a tarde literária em que toda escola participa. São diversas atividades reunidas no mesmo local, como: contação de história, dança, brincadeiras, teatro, desenho entre outros. O *bibliotecário 8* diz *“Temos um quadro onde é eleito o leitor do mês, a cada empréstimo feito é anotado o nome e a turma do aluno, assim eu sei quantos livros ele leu dentro do mês para contabilizar o primeiro, segundo e terceiro lugar. No final de cada ano letivo é feito somatório de todos meses e assim elegemos o leitor do ano”*.

O bibliotecário 10 relata *“[...] hora da leitura, nada mais que encontros de leitores, discussão sobre livros; Hora do conto para pequenos grupos. Como a escola possui o curso de formação de professores, as atividades de hora do conto para as turmas são realizadas pelos alunos nas salas de aula, utilizando livros e recursos da biblioteca. Outra atividade que une trabalho e leitura é o “Ajudante do dia”, no qual os alunos se inscrevem para ser ajudantes na hora do recreio, carimbando data de entrega e recolhendo a assinatura dos usuários. Nesta atividade percebo o envolvimento dos pequenos, alguns se sobressaem na tarefa, sugerindo livros aos colegas, com competência. Ao final de cada mês também é destacado o leitor do mês, um mural podium dos que se destacam na leitura. Os números são bem expressivos”*.

A ideia era observar as atividades desenvolvidas hoje na biblioteca escolar com as atividades biblioterápicas para comparar alguma semelhança entre ambas. Constatou-se que a hora do conto não pode ser denominada como uma prática biblioterapêutica, mas pode sim ser usado para introdução, devido seu aspecto lúdico quando bem trabalhado.

O perfil das crianças que participam das atividades de leitura da biblioteca são crianças da faixa etária de 06 a 11 anos nas escolas municipais. O bibliotecário 3 colaborou com a seguinte colocação *“Acho que os alunos dos primeiros anos são mais interessados pelas atividades de leitura, ainda não estão tão envolvidos com a internet”*. Percebe-se que os alunos dos anos iniciais são mais receptivos as atividades de história, porque se encontram em fase de alfabetização.

O bibliotecário 10 diz o seguinte *“Nossa escola atende desde o Jardim até o Ensino pós Médio, na modalidade Curso Normal – Aproveitamento de Estudos. Nos meus horários de atuação atendo todas as idades, variando muito o perfil dos frequentadores. Destaco os alunos das séries iniciais, 1º ao 3º ano, que apresentam características bem definidas e os alunos do Ensino Médio, surpreendentemente lendo muito”*.

A opinião dos entrevistados sobre os benefícios da leitura como meio terapêutico é extremamente positiva. Acreditam que a leitura por si só proporciona momentos de reflexão e relaxamento. Quando bem trabalhado seguindo os métodos biblioterapêuticos num ambiente tão oportuno como a biblioteca escolar os resultados podem ser satisfatórios. O bibliotecário 10 corrobora *“A leitura é uma atividade prazerosa, tanto quando se lê como quando se ouve a história. Provoca reações, pois o leitor ou ouvinte leva a situação lida/ouvida para suas próprias experiências, podendo auxiliar no enfrentamento ou na superação de problemas. O livro certo para o leitor certo, na hora certa”*.

E por fim, os entrevistados foram perguntados como poderiam difundir a biblioterapia nas bibliotecas escolares. A maioria sugeriu palestras e cursos ofertados pelos cursos de biblioteconomia. O bibliotecário 2 sugere o tema como um dos assuntos a serem trabalhados na disciplina ‘Tópicos Especiais’ no curso de biblioteconomia. Os bibliotecários 4,5 e 8 acreditam que este trabalho realizado é uma contribuição para divulgação deste tema. Abrindo espaço para discussão, despertando o interesse entre os profissionais que até o momento ‘desconheciam’ as práticas biblioterapêuticas ou não associavam a mesma na biblioteca escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa exploratória descritiva foi atingido, identificou-se que os bibliotecários escolares da cidade do Rio Grande não possuem um conhecimento teórico sobre a biblioterapia e seus métodos. Apenas alguma noção devido o próprio nome remeter a 'terapia através da leitura', contudo não houve um estudo aprofundado sobre o tema.

Um fator importante foi à contribuição de um dos bibliotecários entrevistados que trabalha dentro da sua biblioteca com um projeto sócio educativo. O mais surpreendente foi identificar nas práticas de leituras com menores infratores, atividades biblioterápicas no intuito de auxiliar estes adolescentes na conscientização de seus atos, mudança de comportamento e reintegração a sociedade, visto que o profissional desconhecia a biblioterapia.

Ressalta-se que os objetivos da biblioterapia são inúmeros e já foram citados no referencial teórico, mas a ideia desta prática em ambientes educacionais, como por exemplo, a biblioteca escolar é desenvolver atitudes sociais desejáveis, neste caso de menores em situação de risco. Além disso, estimular a criatividade e imaginação das crianças é muito importante na formação e no suprimento das necessidades éticas, intelectuais e emocionais.

A pesquisa apresentou-se básica, mas permitiu divulgar entre os profissionais entrevistados a biblioterapia como outro campo de atuação do bibliotecário, além de mostrar a biblioteca escolar como um ambiente propício e acolhedor para desenvolver as práticas biblioterapêuticas, pois se trata de um ambiente de incentivo a leitura que forma novos leitores, quando bem trabalhados.

É importante lembrar que o bibliotecário precisa estudar e se apropriar dos métodos biblioterapêuticos para que de fato a biblioterapia seja difundida. Este trabalho não se dá sozinho, é necessário à participação de profissionais de outras áreas, como: professores, pedagogos, psicólogos e psicopedagogos.

Conclui-se que o bibliotecário tem condições de tornar-se biblioterapeuta, mas isso independe do local onde este profissional atua. O principal é que tenha compromisso social e se preocupe em aliviar as tensões e o sofrimento dos seres humanos.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thomson, 2006.

BACHERT, Cristina Maria D'antona. **Estratégias da biblioterapia de desenvolvimento aplicados na orientação de problemas de disciplina**. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Puc - Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=21>. Acesso em: 08 jan. 2014.

BEZERRA, Gesiane Ferreira. **Biblioterapia**: uma análise da contribuição bibliotecária junto às crianças com câncer. 2011. 47 f. (Monografia). Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil**: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças. 2001. 260 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81866>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios**, ano 6, n. 21-22, p. 13-25, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/161/16102202.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www.academia.edu/3812508/CLARICE_FORTKAMP_CALDIN_LEITURA_E_TERAPIA_Tese_apresentada_como_requisito_parcial_para_obtencao_de_titulo_de_Doutora_em_Literatura_no_Curso_de_Pos-CALDIN_Clarice_Fortkamp._Biblioterapia_para_crianças_internadas_no_Hospital>. Acesso em: 02 jan.2014.

CALDIN, Clarice Fortkamp; LIMA, Daiana de. Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. **Revista ACB**: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 18, n. 1, p.599-618, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revista.acbsc.org.br/racb/article/download/371/444>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

CALDIN, Clarice Fortkamp; LUCAS, Eliane R. de Oliveira; PINHEIRO, Patrícia V. P. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectiva em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n3/a08v11n3.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

CASTRO, Rachel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que. **Biblionline**, Paraíba, v.1,n.2,p.1-10, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009269&dd1=2ec59>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. São Paulo: Briquet de Lemos, 2011.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

FARIAS, Chistianne Martins; CUNHA, Miriam Vieira da. O bibliotecário escolar e suas competências. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 19, n. 01, p. 29-49, 2008. Disponível em <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1787/2685>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989.

GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na ciência da informação: comunicação e mediação. **Encontros Bibli: revista de eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Brasília, v. 18, n. 36, p. 231-253, 11 mar. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p231>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

LEITE, Ana Claudia de Oliveira. Biblioteconomia e biblioterapia: possibilidade de atuação. **Revista de educação**, v.11, n.14, 2009. Disponível em: <<http://sare.uniannhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/ViewFile/705/1150>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

MALTEZ, Cristina Maria Rodrigues. **A biblioteca escolar e a biblioterapia: relato de uma experiência**. 2011.164 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Aberta, Lisboa. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2302>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

MOUSQUER, Patrícia. **Biblioterapia na escola de educação infantil: estudo de caso na E.M.E.I Ilha Pintada**. Monografia (Graduação). 2011. 83 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:<www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31143/000782358.pdf?...>. Acesso em: 08 jan. 2014.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Nicolás Niyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=79>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

ROSA, Aparecida Luciene Rezende. **As cartas de Ana Cristina César**: uma contribuição para a Biblioterapia. 2006. 83 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/.../1518-2924.2013v18n36p231>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

SACCONI, Luiz Antonio. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Bibliotecários especialistas**. Brasília: Thesaurus, 2005.

SILVA, Taise Maria da. **Como o bibliotecário pode se inserir nas atividades de leitura como Biblioterapia?** 2011. 41 f. Monografia (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: <repositorio.ufrn.br:8080/monografias/.../1/.../TaiseMS_Monografia.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2014.

TRINDADE, Leandro Lopes. **Biblioterapia e as bibliotecas de estabelecimentos prisionais**: conceitos, objetivos e atribuições. 2009. 118 f. Monografia (Graduação). Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/944/.../2009_LeandroLopesTrindade.p...>. Acesso em: 08 jan. 2014.

ZEQUINÃO, Aimée Áurea de Fátima Borges Almeida. **Aplicação de biblioterapia no Centro Educacional Padre Jordan**. 2010. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.cin.publicacoes.ufsc.br/tccs/cin0046.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

Esta pesquisa tem por título “A percepção e prática do bibliotecário escolar na rede pública de ensino em relação às atividades biblioterapêuticas”. O objetivo é identificar o conhecimento dos bibliotecários em relação à biblioterapia e quais atividades desenvolvidas nas bibliotecas que se enquadram nos parâmetros biblioterápicos.

Em que ano você se formou?

Qual o nome da instituição?

No seu entendimento, quais competências e habilidades um bibliotecário escolar precisa ter para ser um bom profissional?

O que você conhece sobre biblioterapia?

Aonde você ouviu falar sobre este assunto?

No período da sua graduação você teve alguma disciplina, palestra ou qualquer outro evento voltado para essa temática?

Quais atividades de leitura que desenvolve na sua biblioteca?

Quais objetivos te motivaram a realizar estas atividades?

Qual o perfil dos alunos participantes dessas atividades de leitura?

Em sua opinião, acredita nos benefícios da leitura como um meio terapêutico? Por quê?

De que forma a biblioterapia poderia ser difundida nas bibliotecas escolares? Em sua opinião.